

---

## **Pantera Negra: A Representatividade Negra e o Afrofuturismo Como Forma de Construção da identidade<sup>1</sup>**

Danielle VAZ<sup>2</sup>  
Marco BONITO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS.

### **RESUMO**

O presente artigo foi desenvolvido com o objetivo de instigar um debate sobre identidade negra e seu processo de construção a partir da representação. Nesse sentido, o trabalho traz uma contextualização do conceito identidade a partir do Livro *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (2003) de Stuart Hall e Kathryn Woodward. Estudando então esse conceito analisamos Pantera Negra (2018) e o movimento afrofuturismo presente na produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** afrofuturismo; comunicação; negritude; pantera negra; representatividade.

### **INTRODUÇÃO**

Esse artigo foi elaborado com o intuito de apresentar questões e levantar reflexões sobre o sujeito negro e seu processo de construção a partir da representação, tanto imagética quanto de discurso. Para fomentar essa discussão apresenta-se o filme da Marvel: Pantera Negra (*Black Panther*, Ryan Coogler, 2018) conectando assim assuntos como representatividade e afrofuturismo, termo que será explicado ao decorrer do trabalho.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ07- Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UNIPAMPA-SB, e-mail: [daniellevazmaciel99@gmail.com](mailto:daniellevazmaciel99@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho: Prof. Marco Bonito; Doutor em Processos Comunicacionais pela Unisinos e Mestre em Cultura Midiática pela UNIP, Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, e-mail: [marcobonito@unipampa.edu.br](mailto:marcobonito@unipampa.edu.br). Repositório científico: [www.marcobonito.academia.edu](http://www.marcobonito.academia.edu). Redes sociais: @marcobonito.

---

A pergunta norteadora é “Como se constrói a identidade à partir da representatividade negra?”, essa questão foi idealizada a partir de uma pesquisa empírica da autora, como pessoa negra e consumidora de conteúdos representativos.

A análise de identidade é feita a partir do conceito apresentado por Stuart Hall e Kathryn Woodward, no livro “Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais”, nesse sentido, também é utilizado o trabalho do mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Campinas: Bruno Cuter Albanese e seu artigo “Por um Herói da Tropa: uma análise discursiva da reportagem de capa da Revista Veja”, foi utilizado esse trabalho para explicar o quanto a comunicação influencia na identidade e como acontece e no que consiste esse processo de discurso.

O objetivo é reforçar uma discussão que está em voga na mídia e na sociedade como um todo, de forma que faça que pessoas não negras consigam refletir sobre a representatividade negra e trazer também a compreensão de um processo que acontece com pessoas negras para sujeitos negros.

### **CONCEITO DE SUJEITO, IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO**

O sujeito é definido a partir da língua, ideologia e a história, assim construindo sua própria identidade. A auto identificação só é feita após as referências sociais, que seria como um norte para tudo que somos, só podemos afirmar que somos algo após conhecermos e nos identificarmos e isso acontece em um processo de conhecimento do sujeito.

De acordo com os conceitos de Orlandi (1999) apresentados no artigo de Albanese (2015) o processo do sujeito para incorporar um discurso e assim se identificar como sujeito próprio é a partir da comunicação, porque a linguagem predomina em todo o processo de construção do ser. “Entendendo a língua como uma prática simbólica em que o homem se constitui dentro de uma sociedade e como o lugar onde se materializa o discurso, o homem deve ser sujeitado a ela e deve ser afetado por ela” (ALBANESE, 2015. p.13). Ou seja, é partir dos signos, da fala, tudo que permeia a comunicação que o sujeito cria uma identidade.

---

Após estabelecida a comunicação, que é logo quando nascemos, têm a segunda parte do processo que é a “memória discursiva”, é nesse momento que incorporamos tudo que interpretamos e ouvimos no nosso imaginário e aí acontece o terceiro estágio de “Esquecimento ideológicos”, quando toma-se posse de um discurso que não é seu, que é construído a partir de outros. O autor ainda explica que: “O homem precisa esquecer que não é o princípio do próprio dizer para que consiga dizer. Assim, concluímos que o esquecimento é estruturante: ele permite que o homem se esqueça do “já dito”, para se identificar com o que diz e se torne, assim, sujeito” (ALBANESE, 2015, p.13 ).

Então, o conceito de identidade também é permeado pela comunicação, a identidade é feita a partir de nossa vivência, nossa cultura e língua, nos identificamos a partir do outro, do discurso e da representação do outro. A identidade é tudo que se é, é concebida a partir do outro é porque o fato de sabermos que o outro tem suas particularidades definimos nossas diferenças e semelhanças com o próximo. Sendo assim,

Quando digo ‘sou brasileiro’ parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilham a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de “humanos”. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que “somos humanos”. (HALL E WOODWARD, 2000, p. 75)

Portanto, quando entendemos que o conceito de identidade envolve o outro, a identidade só é definida a partir das diferenças, percebemos que é uma relação de poder. Quando me identifico entendendo em que posição discursiva e de atenção social estou, então a identificação se torna algo político, não é uma disputa de grupos sociais, mas sim uma disputa de reconhecimento social. Explicando melhor,

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos

---

simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (HALL, WOODWARD, 2000, p.81)

É nesse momento que adentramos à identidade negra. A atitude de se autodeclarar negro vai além de um ato simples, principalmente sendo uma etnia que passou por anos de escravidão e tem uma bagagem social muito conturbada perante a sociedade. De acordo com o dado divulgado pela ONU no ano de 2017, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil<sup>4</sup>, o que é totalmente desesperador é que casos como os de Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, 26 anos<sup>5</sup>, que estava esperando sua esposa e seus filhos, com um guarda-chuva e um “canguru” (um suporte para carregar crianças) foi assassinado com três tiros oriundos de um policial militar. O guarda-chuva foi confundido com um fuzil e o “canguru” com um colete a provas de bala. Esse caso aconteceu em setembro de 2018, desde de então, ainda aparece na mídia casos como este, onde a vítima é negra.

Como somos resultado do que consumimos, nosso discurso e nossa identidade são afetadas por isso diretamente, como se espera que a população negra se autodeclare quando não existem boas referências? Mesmo que o conceito de raça e etnia ainda seja um pouco turvo esta última é ligada à cultura, aos traços, língua e à cor da pele, é um traço muito importante na construção da identidade. A raça geralmente é relacionada ao animal, o que deixa um peso maior a palavra, de uma maneira que pode soar preconceituoso. O certo é dizer que somos da raça humana, pois é uma constatação correta, raça distingue uma espécie da outra, que demonstram assim uma gama de diferenças genéticas.

Essa confusão entre os conceitos é antiga, podemos dizer que antes de se estudar os conceitos de sujeito, raça, etnia e identidade não se consegue conceber a ideia de

---

<sup>4</sup> Dado publicado pela Nações Unidas do Brasil disponível: ><https://nacoesunidas.org/racismo-a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-brasil/><

<sup>5</sup> **PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas**  
Link da Matéria: >[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458\\_048104.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html)<

---

representação. É a partir de desse entendimento que podemos associar a adição de personagens negros em quadrinhos e em todas as mídias que consumimos. Portanto,

Não é uma afirmação leviana, é uma constatação: as diferenças entre a maioria das populações humanas não são genéticas e sim culturais. É aí que surge a noção de Etnia. O que os sociólogos e antropólogos chamam de Etnia é um conjunto de traços culturais, maneiras de falar, linguagens, práticas sociais e alimentares que reúnem e distinguem os grupos humanos. O que houve (e ainda ocorre) é a confusão de parâmetros étnicos com raciais. (BRAGA, 2013, p.5)

Isso expõe uma grande responsabilidade da sociedade para saber explicar e entender o conceito de etnia, porque como podemos nos identificar como tal sem termos a plena certeza do que estamos falando. Por isso, a identificação do sujeito negro carrega uma relação de poder e de complexidade, assim como qualquer grupo social. Acentua-se o assunto de identidade negra sendo um assunto principal deste artigo.

Logo acima apresenta que a identificação é feita a partir do outro, nos produtos que consumimos e que vemos, a produção de sentidos e significados é feita após as referências, isso auxilia o processo da construção do ser. Todas essas notícias e produções na indústria cultural afetam na construção do ser?

## **METODOLOGIA**

Na elaboração deste trabalho foi utilizado em primeiro lugar a pesquisa empírica. O empírico na pesquisa, se trata de um conhecimento obtido a partir da prática, da experiência, o conhecimento factual (MALDONADO, 2011), como mulher negra a questão de identidade a minha vivência e a observação do meu cotidiano ajudaram a compreender todas as dimensões do objeto pesquisado. Após ter assistido o filme Pantera Negra, questionar e observar quais reações o audiovisual e a trama estava causando no público, bem como os efeitos causados a partir de tudo que compreendo como representação percebi que o assunto que mais ficou em evidência com a história foi a representatividade negra e isso inspira a investigação.

O segundo método utilizado foi a pesquisa exploratória que consiste no planejamento a partir de uma investigação de resultados e questões já apresentadas em

---

outros lugares, como explica Bonin: “[...] se pode dizer, de modo simplificado, que implica no movimento de aproximação do fenômeno concreto a ser investigado buscando perceber contornos, suas especificidades, suas singularidades” (BONIN, 2011, p.39). Foi neste processo da pesquisa que artigos de opinião e crítica em portais de notícia sobre o filme auxiliaram na conhecimentos da palavra e do conceito do movimento: Afrofuturismo, o que causou muita curiosidade e anseio por investigar esse assunto, surgiu então a problemática.

Para conseguir entender melhor o objeto e escrever sobre a construção do ser e identidade também fora realizada uma pesquisa de contextualização, onde para construir o pensamento e crítica do conceito de identidade me apropriei dos textos de Stuart Hall e Kathryn Woodward, no livro “Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais”, para assim discutir o assunto da melhor forma e a partir desses autores. Foi utilizado também o ensaio de Mark Dery, *“Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose”*, para explicar o movimento e as críticas do afrofuturismo.

## **O NEGRO NOS QUADRINHOS**

É na virada do século XX que surgem personagens negros em revistas de quadrinhos, todos em papéis secundários, sem muito destaque. É só em 1969 aparece Falcão, um super herói afro-americano que teve seu destaque na revista do Capitão América. Sendo assim, antes de se tornarem personagens icônicos, eram retratados de maneira periférica, como Moacy Cirne fala em seu livro *Quadrinhos, Sedução e Paixão*: “O povo negro só aparecia nas histórias como coadjuvantes temporários nas aventuras dos heróis brancos, ou caricaturados, mantendo o estereótipo de que o negro é inferior, feio, mal, primitivo e menos inteligente [...]” (CIRNE, p.85, 2000).

Personagens negros tinham pequenas aparições em quadrinhos, salvando pequenas exceções como Waku, Príncipe de Bantu (1954). Em outros quadrinhos continuavam sem um grande espaço no imaginário dos leitores, com uma grande influência de estereótipos, assim os negros eram retratados nesta mídia, em toda a indústria cultural. Foi em 1963 quando os Estados Unidos estavam vivendo uma fase de

---

mudança, já tinham obtido a abolição da escravidão há 100 anos, porém ainda como um país segregado. Grandes ativistas sociais tornam-se foco de interesse da população, como Martin Luther King, que em agosto do ano de 1964 organiza uma marcha em Washington a favor dos Direitos Civis dos negros, sendo um dentre os movimentos de revolução que acontecia no país. Após a aprovação do ato dos Direitos Civis, o país teve que encarar a mudança social e consequentemente midiática, sendo forçada a inserção de personagens negros em histórias em quadrinhos.

Em 1965 é criado o personagem Pantera Negra, surge na revista *Jungle Action*, mas não demora muito para ter seu universo próprio. O quadrinho que foi escrito pelo escritor e editor Stan Lee e Jack Kirby, retrata a história de T'challa, um super-herói, cientista e rei de Wakanda, país fictício da África. Um protagonista forte, que tem noção de artes marciais e conhecimento tecnológico, com um país totalmente desenvolvido em níveis sociais e tecnológicos, tem sua própria língua e traz uma ficção diferente da história dos super-heróis afro-americanos.

## **O AFROFUTURISMO E PANTERA NEGRA**

Onde estava o negro nas obras literárias de ficção científica como o aclamado e reverenciado romance de cyberpunk *Neuromancer* de William Gibson de 1984? Essa é uma das questões que filósofo Mark Dery indaga em 1990 no ensaio “Black to the future”, onde ele usa desta problemática para fazer uma série de entrevistas com três intelectuais e autores negros, Samuel R. Delany e Greg Tate e Tricia Rose.

O termo afrofuturismo foi criado por Dery em 1990, no sentido de fazer uma crítica a falta de autores negros em narrativas de ficção especulativas. É um movimento social que envolve, música, arte, literatura, a cultura pop no geral, concebe a ideia da negritude em um universo tecnológico. Para Dery seria instigar a comunidade negra diaspórica a pensar em um futuro negro e ter esperanças. Na entrevista do filósofo com Samuel R. Delany, Dery cita uma frase do livro “Starboard Wine” de Delany que fala: “Nós precisamos imaginar o amanhã, e nosso povo precisa mais do que tudo”<sup>6</sup>, instigando o autor a explicar a citação, que assim faz:

---

<sup>6</sup> Tradução Livre do Original: “We need images of tomorrow, and our people need them more than most”

A razão histórica para termos sido tão empobrecidos em termos de imagens futuras é porque, até muito recentemente, como uma população nós fomos sistematicamente proibidos de qualquer imagem do nosso passado. Eu não tenho ideia de onde, na África, meus antepassados negros vieram porque, quando eles chegavam ao mercado de escravos de Nova Orleans, os registros desse tipo de coisa eram sistematicamente destruídos. Se eles falassem a sua própria língua, eles apanhavam ou eram mortos. [...] Quando, de fato, nós dizemos que esse país foi fundado na escravidão, nós devemos lembrar que queremos dizer, especificamente, que ele foi fundado na destruição sistemática, consciente e massiva das reminiscências culturais africanas. (DELANY, In: DERY, 1994, p. 190-191).<sup>7</sup>

Quando Samuel fala isso sintetiza brevemente qual a importância do movimento Afrofuturista para com a identificação e construção da memória da comunidade negra. Delany se refere aos EUA quando cita “o país fundado na escravidão”, porém isso pode ser colocado em perspectiva para o Brasil, já que como um país colonizado tem seus pesares e também foi construído a base da escravidão. Então quando os dados apontam que a cada 23 minutos um jovem negro morre no Brasil, qual o horizonte que a comunidade negra brasileira tem como ideal e como se constrói a identidade negra neste cenário?

No filme *Pantera Negra* de (*Black Panther*, Ryan Coogler, 2018) a narrativa Afrofuturista está muito presente, Wakanda como um país do continente Africano com uma tecnologia e sociedade bem desenvolvida. A sua principal fonte tecnológica é o vibranium, um metal poderoso e resistente, que é criado somente neste país e constantemente é perseguido por diversos vilões e heróis nos quadrinhos e no filme. O que mais chama a atenção na trama é estética que mistura tecnologia e africanidade.

---

<sup>7</sup> Tradução livre do original: “The historical reason that we’ve been so impoverished in terms of future images is because, until fairly recently, as a people we were systematically forbidden any images of our past. I have no idea where, in Africa, my black ancestors came from because, when they reached the slave markets of New Orleans, records of such things were systematically destroyed. If they spoke their own languages, they were beaten or killed. [...] When, indeed, we say that this country was founded on slavery, we must remember that we mean, specifically, that it was founded on the systematic, conscientious, and massive destruction of African cultural remnants”.



Na cena de encerramento do filme Pantera Negra, T'Challa (Chadwick Boseman) com sua irmã Shuri (Letitia Wright) e sua namorada Nakia (Lupita Nyong'o) aparecem em uma quadra de basquete de um bairro negro pobre em Oakland, Califórnia, e observam um prédio, que representa um trauma familiar e um comprometimento de T'Challa para com o futuro da comunidade negra americana. Pantera Negra desativa o sensor de camuflagem e revela sua nave para as crianças negras no local. Enquanto a maior parte dos meninos correm para ver o equipamento, um dos garotos prende sua atenção ao protagonista. O garoto consegue apenas dizer um curioso: “Quem é você?”, que é respondido com um confiante sorriso de T'Challa.

Essa cena demonstra bem como a figura do Pantera negra no filme é retratada como forma de resistência e representação para a população negra tanto presente no filme quanto na vida real, consumindo esse audiovisual. O que capta bem o conceito de Afrofuturismo, demonstrando que há sim esperanças para o povo negro naquele universo, que não nos baseamos apenas em sofrimento e lamentações do passado que continuam nos afetando no presente.

Pode se perceber na construção da personagem Shuri, irmã de T'Challa, que é uma cientista responsável pelo desenvolvimento tecnológico de Wakanda, tendo uma estética moderna mas respeitando sua cultura e religiosidade, veja na imagem:



Sendo assim, a questão do afrofuturismo é impressa bem tanto na estética quanto no discurso da personagem que é forte e segura de si, expondo que há sim um futuro moderno mesmo para uma país de terceiro mundo, como o fictício Wakanda. Assim, a seguir luta de Pantera Negra e Killmonger lutando pelo reino, que é permeada de sentido religioso e cultura, mas sendo de uma estética muito precisa sobre aquele cenário tecnológico. Nesta segunda imagem podemos observar esse momento,



Portanto, tudo isso tem um sentido na trama, a luta que é a cena menos digital do filme, que mostra o quanto a religião é importante para os personagens, sendo uma qualidade que não se perdeu na diáspora em wakanda, que evoluiu e segue em seus costumes, percebe-se isso em todo arco principal do filme, sendo bem representado o afrofuturismo exposto na imagem 3 do elenco:



Assim, percebemos que a identidade e os simbolismos do povo negro de wakanda não foi invisibilizada ou extinguida, até porque o país fictício vive a evolução em segredo com anseio de manter o país rico e sem a extinção do poderosa tecnologia do vibranium e visando a proteção da população. Isso pode ser relacionado no atual momento da sociedade, tanto brasileira quanto mundial, onde o povo pouco se identifica com suas histórias e simbolismo, sendo assim:

Os negros sempre tiveram suas próprias histórias, simbolismos e identidades do continente africano passadas pelas gerações, e que foram silenciadas pela aculturação e silenciamento desse povo que excluiu seu poder cultural. Portanto, mesmo sendo considerado apenas um gênero cultural, o afrofuturismo projeta as possibilidades futurísticas de um povo, ultrapassando o gênero cultural e influenciando da vida real. (SILVA, 2016, p.08)

O afrofuturismo vem como uma ferramenta de resistência ao eurocentrismo, deixando claro a cultura e identidade do povo negro em produções artísticas. O sentimento de pertencimento a todos os ambientes. O antagonista do filme Pantera Negra, Killmonger (Michael B. Jordan), é um exemplo na trama de quanto o não pertencimento e a falta de representação modifica a visão de mundo do sujeito negro,



---

ele aparece na história como um personagem que tem sede de vingança e roubar wakanda, porém percebe-se que ele tem inveja e anseia uma mudança na sociedade afro-americana que ele vive. Quando no conflito final com T'Challa o vilão antes de morrer fala a seguinte frase “Então me enterre no oceano com meus ancestrais, que pularam de navios pois sabiam que a morte era melhor do que a escravidão”. Essa é uma das frases forte que o anti-herói declara durante toda a produção, o que deixa claro que o maior anseio de Killmonger era a mudança para o seu povo.

Esse movimento ainda não chega como um conceito claro nos fundos das comunidades e população marginalizada brasileira, não com esse nome e nem sempre com esse significado nítido, mas tem artistas que tratam esse conceito em sua estética e personalidade. Karol Conka foi a cantora que popularizou a estética Afrofuturista em 2014 com o estouro da sua música “Tombei”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS E REFLEXÃO CRÍTICA**

A questão norteadora “Como se constrói a identidade à partir da representatividade negra?” O pensamento é construído durante o artigo e que a identidade é permeada pela cultura, vivência e língua. Estamos “sendo” e só podemos nos identificar a partir do outro, não vivemos em uma sociedade homogênea então teremos que observar e retirar diferenças e semelhanças para a assim falar o que estamos sendo. Essa identificação é realizada quando compreendemos que há uma relação de poder, o conflito traz a indagação e a compreensão de que tem grupos que têm privilégios sociais, simbólicos e concretos. (HALL, WOODWARD, 2000)

Nesse sentido se consome é uma parte do processo de posse e identificação, focando no audiovisual, precisa se enxergar socialmente para se declarar enquanto etnia e considerar todos os sistemas que fazem a história desta identidade. A indústria cultural vem se moldando com os novos valores da sociedade, mas ainda é um processo longo, demorado e imprevisível. Em um país colonizado e com uma abolição tão recente, fazendo apenas 128 anos que povo negro foi liberto, ainda se percebe o quanto o pensamento e ações racistas estão presentes na sociedade, mesmo de forma inconsciente ou mesmo com muita consciência.

---

O apagamento histórico e simbólico da população negra acontece historicamente, pela relação de poder de outros grupos sociais, isso limita a autodeclaração negra diretamente pois todos os conceitos são permeados de sentidos sociais e a cultura é um fator que constitui a identidade e se ela está apagada e não aparece no que se consome e impede a identificação. O principal momento da identificação é dúvida, é o questionamento com o que se consome e o porquê se consome.

O afrofuturismo é uma ferramenta que empodera e auxilia na identificação negra, porque instiga a pensar numa perspectiva de futuro negro, um futuro onde a cultura e a estética não é menosprezada nem apagada.

## REFERÊNCIAS

ALBANESE, Bruno Cuter. Por um herói da Tropa: uma análise discursiva da reportagem de capa da Revista Veja. **Língua, Literatura e Ensino-ISSN 1981-6871**, v. 8, 2015.

JUNIOR, Amaro Xavier Braga. A ambientação de personagens negros na Marvel Comics: Periferia, vilania e relações inter-raciais. **identidade!**, v. 18, n. 1, p. 3-20, 2013.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, Sedução e Paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DERY, Mark et al. Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. **Flame wars: The discourse of cyberculture**, p. 179-222, 1994.

EL PAÍS. “**PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas**”. 19 de Setembro de 2018. Disponível: >[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458\\_048104.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html)< Acesso: 30 de Abril de 2019.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo-as distopias do presente. **Imagofagia**, n. 17, p. 402-424, 2018.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, 2000.

MALDONADO, A. E. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, A. E. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2011.p. 279-303

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. “**Racismo: a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil**”. 20 de Novembro de 2017. Disponível em: ><https://nacoesunidas.org/racismo-a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-brasil/><Acesso: 30 de Abril de 2019.

**PANTERA NEGRA.** Direção: Ryan Coogler, Produção: Kevin Feige. Produção: Marvel Comics. Trilha Sonora: Ludwig Göransson. Duração: 135 minutos. Distribuição Brasileira: DISNEY/ BUENA VISTA, Estados Unidos, 2018.

SILVA, Kellen Carolina Vieira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. O AFROFUTURISMO COMO FORMA DE REPRESENTAÇÃO CULTURAL. In: EMICult. 2. 2016. São Luiz Gonzaga. **Anais.** Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Disponível em:  
><http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/11/O-AFROFUTURISMO-COMO-FORMA-DE-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-CULTURAL-2.pdf>< Acesso: 30 de Abril de 2019.